

Os olhos e os ouvidos da rua

Renata Marquez

Quando voltamos da Espanha, nos mudamos para uma ruazinha simpática e singular no bairro da Serra. Conhecemos a nossa nova rua num domingo de setembro, clima ótimo, fim de tarde, aquele ritmo preguiçoso típico dos domingos. A escala da rua lembrava o livro “Morte e vida de grandes cidades”, escrito em 1961 por Jane Jacobs (1916-2006), inspirador para a reconquista do espaço público. De um lado da rua, bastante arborizada no seu conjunto, apenas o nosso prédio de três pavimentos e mais uma casa. Do outro lado, três prédios de três pavimentos e duas casas. Gostamos do apartamento de janelas fartas, na copa das árvores, situado num edifício construído na década de 1970 – hoje pintado de cor de rosa – e já ficamos com as chaves naquele momento mesmo. Três dias depois, conseguimos a façanha de nos mudar, levando todas as nossas coisas. Tudo estava encaixotado havia dois anos, queridos objetos ávidos por funcionar de novo. Em uma semana, tempo considerado recorde, a casa já estava bastante habitável, organizada, receptiva, pronta para as atividades urgentes que ela tinha que receber. Por ser uma rua sem saída, por causa da topografia típica da Serra, com calçamento de paralelepípedo e edifícios baixos, as noites eram especialmente silenciosas. E os dias, em geral, também. Um lugar que parecia ideal para se terminar uma tese de doutorado, já adiada por seis meses.

Numa manhã de segunda-feira, acordamos às sete horas com o ruído insistente de uma marreta. Olhamos pela janela, ainda sem os indefectíveis blackouts, e vimos o início da demolição de uma das casas da frente. Aqui é recomendável falar sobre o nosso trauma de obras: já tínhamos colecionado, quando moramos no Funcionários, um certo histórico de negligentes obras vizinhas que começavam às sete da tarde e prosseguiam, incluindo fins de semana e feriados, até às quatro da manhã. Pois lá estávamos, de novo, frente aos ruídos forçosamente imersivos que nos deixavam nervosos para valer. Em pouco mais de uma semana, demoliram a casa que, naquele domingo inaugural, tinha vívidas samambaias pendentes na varanda.

Uma semana depois, acordamos de sobresalto: parecia um terremoto. O espelho do banheiro caiu. Era um ruído tão próximo que assustou de verdade. Depois de investigar,

descobrimos que a vizinha de baixo resolvera trocar os azulejos brancos bisotados da cozinha, originais da construção do prédio, por grandes e retangulares cerâmicas brancas. Nessa ocasião foi que conhecemos o Wilson, um homem enorme e com uma voz grossa inconfundível, que lembra o Forest Whitaker: o faz tudo da rua, figura popular mão-na-roda, super procurado e assediado por todos os moradores das redondezas. Ele inspira reformas e consertos, faz aflorar em cada cidadão aquele desejo adormecido de finalmente rebaixar o teto ou colocar granito no banheiro. Perguntei: “Mas ela está trocando azulejo branco por azulejo branco?” Foram três meses de obra, no ritmo Wilson, que variava os horários à mercê de outros compromissos mas não trabalhava nunca – pelo menos com isso – nos fins de semana.

Depois de uma pausa considerável, que nos deixou quase esquecer aqueles dias em que éramos expulsos de casa para poder escrever por causa do barulho penetrante, Wilson atacou a área de serviço do mesmo apartamento, porque afinal ele tem uma série de demandas e tem que administrar muitas obras simultâneas. Resultado: mais três semanas de trabalho forçado em bibliotecas e cafés com wi-fi, com aquela nostalgia sempre imprevisível dos livros que ficaram na estante, em casa, precisando ser consultados.

Depois de dois meses de silêncio, a moradora do mesmo apartamento resolveu multiplicar as tomadas de todos os cômodos, claro! Apartamentos antigos não tinham recursos para o lazer tecnológico atual: carregador de celular, DVD, CD, TV de plasma, computador, MP3, incenso, protector, abajur, forno de pizza, máquina de pão, microondas, secadora, lavadora. Um mês depois, resolveu trocar as esquadrias de metal, antigas e sem isolamento acústico eficiente – mas com um belo desenho – por novíssimos perfis de alumínio anodizado natural que deixavam correr as duas folhas para os dois lados.

Cerca de oito meses após a manhã da demolição da casa em frente, iniciaram a construção do prédio que substituiria a varanda com samambaia. A jornada de trabalho dos infalíveis operários é de sete da manhã às sete da noite, em prol de mais espécimes repetitivas na corrente imobiliária da compulsão construtiva mega lucrativa neomoderna. Tieta, a cadela vigia vira-lata tornou-se presença sonora

constante em seus passeios pela rua e em breves sociabilizações onomatopéicas com os outros cães da vizinhança, habitués da rua.

Em janeiro deste ano, em meio à estridente makita da obra da frente, conhecemos Osmar e ficamos amigos. Ele amola facas, tesouras e alicates de unha e passa, “todo mês”, na nossa esquina. Osmar anuncia a sua chegada e sua breve permanência através de uma gaitinha característica dos amoladores de várias cidades. Depois de tocar a gaitinha, ele canta um jingle anunciando as suas especialidades. Tem clientes fiéis em toda a região centro-sul. A já histórica paisagem sonora efêmera serve como representação da cartografia ambulante de Osmar. A intensidade do som mede a sua distância: já preparamos as nossas facas cegas quando ouvimos de longe a sua gaitinha. Ele vai se aproximando na medida em que o som fica mais potente, desafiando com a sua voz, inconscientemente e para a nossa alegria, toda e qualquer makita.

Num sábado à tarde, enquanto escrevia à mesa, ouvi de repente uma música exageradamente alta, acusticamente límpida, vindo não sabia de onde. Era uma música francesa típica do imaginário cinematográfico, um clássico eternizado por Edith Piaf, La Mer talvez. Fiquei intrigada, esperando os próximos acontecimentos sonoros. A música terminou e começou outra, do mesmo estilo romântico. Achei curioso e fui para a janela tentar enxergar o som. Descobri o Wilson, sozinho na rua vazia, lavando um carro. Era ele, mas uma vez, o emissor do som, provavelmente um dos discos favoritos do proprietário ausente do carro em plena lavagem. Mas, dessa vez, o som emitido por Wilson era de outra categoria, era um som consciente. Ele parecia compreender o seu papel social de emissor daquela música chique, o catalisador de uma espécie de encantamento que ele oferecia, gratuitamente, aos moradores da rua e aos passantes eventuais, só porque era sábado. Uma espécie de serviço de utilidade pública. Ri, sozinha, da ironia da situação. “Os olhos da rua” descritos por Jane Jacobs numa comunhão sinestésica com “os ouvidos da rua”. Em seguida, a vizinha de baixo, aquela que conseguiu empreender quatro reformas no seu apartamento no intervalo de apenas um ano, abriu a janela e gritou:

– Pô, Wilson, desliga essa merda!